

Gaiato

30 DE SETEMBRO DE 1972
ANO XXIX — N.º 745 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Setúbal

N ESSA data, encontrava-me no escritório a trabalhar. Ouvi duas pancadas suaves na porta. Fui abrir. Era o «Serrador» que vinha com um recado para mim: — Estão ali em baixo dois senhores que querem falar com o Sepácio. O «Sr. Director» (como tantas vezes é apelidado o Sr. P.e Acílio, por quem não tem ou não quer ter o mínimo conhecimento de que a nossa Obra não é uma instituição regida por normas rígidas e a nível oficial, mas sim toda ela uma grande Família, senhora dos mais diversos temperamentos e maneiras de ser e, no entanto, um todo global, uno e indivisível, dentro duma sã naturalidade e numa perspectiva humana e cristã) — Sr. P.e Acílio, dizia, não estava em casa. Saíra para Coimbra. Desci as escadas e fui saber do que se tratava. Há um conjunto de assuntos que apenas o Sr. P.e Acílio tem competência para resolver. Reporto-me à nossa Casa de Setúbal. Nas outras Casas passa-se exactamente o mesmo. Mas virem até nós (e são tantos!) «visitantes», uns amigos de sempre, tantas e tão diversas pessoas por um «dá cá aquela palha», exigirem a presença do «Pai» para resolver esses mesmos assuntos, isso é que não está certo. Isso é alegar desconhecimento do papel preponderante que o rapaz desempenha adentro da vida duma Casa do Gaiato. «Nós somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» — este o princípio máximo deixado por Pai Américo. Torna-se necessário e premente que as pessoas entendam isto. Que duma vez para sempre compreendam que a Obra da Rua não é um asilo, nem nunca o foi em tempo algum...

Continua na QUARTA página

Não que tenhamos nada de novo a dizer. Mas, ensina-nos a vida — e a Palavra de Deus, também — que «insistir oportunamente e importunamente», «bater à porta repetidas vezes até que no-la abram», é caminho certo em pedagogia, vise crianças ou adultos — que estes não são nada mais fáceis de educar, mesmo diante da evidência dos fins a prosseguir.

É universal o problema do Homem alojado em condições indignas da humana condição. Dentro do universal estamos nós, está o nosso Próximo, a chamar-nos urgentemente, exigentemente, à acção. E quando o Próximo de hoje foi servido, por ele, nós com ele caminhamos para outros ainda por servir, que serão agora o nosso Próximo, até serem servidos. Assim se chega ao Próximo dos antípodas; mas só assim! Querer atingi-lo, sem remediar o que está à nossa mão, é utopia, é estultícia.

Aquela fórmula tão singela quão sábia de Pai Américo: «Cada Freguesia cuide dos seus Pobres» — quem já a pôs em acto? E se sim, essa terra será um exemplo de como «a brincar» se pode realizar coisa tão séria, como é produzir o Bem-estar do Povo, proporcionando a cada homem aquilo que é do direito fundamental do Homem. Digo assim para me cingir à expressão de Pai Américo, significativa da desproporção entre os efeitos («grandes coisas») e os meios que as causaram («...feitas como quem brinca»).

Isto coloca-nos na perspectiva do derradeiro artigo: na defesa urgente da habitação rural, como obstáculo muito sério posto à miragem do abandono da terra e consequente aumento do caos da habitação nos grandes centros, para quem não disponha de abundantes receitas.

Ainda o fantasma da emigração se não le-

DOCTRINA

vantara, mas se renunciava na emigração interna para as grandes cidades do litoral, já «O Gaiato», ainda em seus primeiros passos, denunciava este fenómeno social e pedia remédios que o não deixassem crescer.

Claro que nem só de casa vive o homem! É preciso levar-lhe a instrução e o trabalho aonde ele está, para que não tenha de ser ele a deslocar-se em busca daqueles dois fundamentais valores de progresso e subsistência. Também se não falava ainda em «planos de desenvolvimento regional», em «centros de polarização» no interior do País e já «O Gaiato» chamava a atenção para a sua urgência — que a Caridade de Pai Américo era inteligente e nunca procurou outro alicerce que não fosse a realização da Justiça.

Hoje «torce-se a orelha»... «Casa roubada...». Deus queira que não haja mais hesitações no trancar da porta!

Mas para tal, dada a modéstia dos recursos nacionais e a sua dispersão por tantas empresas de grande vulto, como é a industrialização, a reconversão da lavoura..., como é a guerra (mesmo que para a paz...) — não vejo outra hipótese séria e global no âmbito do País, para frutífera acção da Secretaria de Estado de Urbanismo e Habitação, que não comece por uma profissão de Humildade e pela sã resolução de aproveitar e fomentar os pequeninos recursos, as anónimas boas vontades, renunciando à grandiloquência nas expressões legais ou nos

Continua na SEGUNDA página

«Ando, também, com o coração magoado pelos mil problemas de pormenor no acabamento das obras da nossa Aldeia...»

LOURENÇO MARQUES

Da nossa vida, da nossa Aldeia ou dos nossos Rapazes — ando com o coração magoado pelos problemas de todos os dias. São as facturas de compras, as folhas de férias, os mil problemas de pormenor no acabamento das obras; o receio sempre latente de desvios dos rapazes no cumprimento dos seus deveres —

que, recordar, reviver só não é tão doloroso quando se tem, necessariamente, de partilhar com os outros. Mas que há que não tenha já dito? Valerá a pena repeti-lo se, ultimamente, tão pouco encontrou eco?!

Algumas pessoas têm-me dito ao ouvido que não seja tão abertamente pelos que aqui estão na mó de baixo; que não tome a defesa deles em público — porque muitos que nos poderiam ajudar se têm queixado; que até deixaram já de nos ajudar...

Uns, por amigos, vêm-nos dizer o que outros não se atrevem por falta de coragem em suportar a resposta. Creio, antes de mais, que a quem assim sente, melhor fôra nunca ter pisado esta terra.

Pois, pensando assim do regime de fraternidade implantado nesta Casa do Gaiato, e defendido até ao sangue se preciso fôr, saibam que estão ao invés das nossas perspectivas, que não viemos para aqui ganhar a vida, mas perdê-la e tentaremos a todo o custo levar por diante, com mais ou menos ajuda, uma Obra que, mais que uma Instituição, é uma Doutrina. Não somos de gregos nem de troianos, mas de todo o homem que precisa de nós. Se brancos temos nesta Casa de Moçambique é porque a sua situação moral e material é imensamente mais degradante que a dos demais; só por isso tem sido para eles que mais rapidamente se abre a porta desta Casa. A

Continua na SEGUNDA página



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

A NOSSA CASA — Num dia tão bonito nem apetece estar sentado aqui a escrever! Mas, pelo menos, estou à sombra — oferecida pela nossa grande nespereira, que quase nunca dá nêsperas. Só merece a pena existir pela sua sombra e localização. Aqui juntinho fica a nossa piscina que é a alegria dos Rapazes nas tardes quentes dos sábados e domingos de verão; mas é tão pequena! Há a consolação: «ela crescerá». Não foi este ano, será para o próximo, se não for... mais virão. Abaixo e do lado direito da latada, cheinha de uvas, que dá acesso à escadaria que termina junto à estrada da Lousã, é o pomar. Tão cobiçado este ano! Primeiro foram as ameixeiras que carregaram até mais não poder. Muitas ameixas comemos e eram tão boas e grandes! Depois a velha pereira do fundo também teve bastantes e boas pêras. E agora são os pessegueiros que já há muito não nos davam a alegria de saborear os seus frutos e que este ano compensaram os anos perdidos. Tantos daqueles frutos vermelhos têm sido a delícia dos Rapazes e de amigos a quem fizemos oferta de alguns! Um bocadinho mais acima e ao lado da piscina ficam as instalações do gado: vacaria com vacas leiteiras e bezeros e bois de trabalho; capoeiras com muitas galinhas e frangos que nos proporcionam carne e ovos tão deliciosos; as pocilgas com... bom não sei quantos são os porcos mas vamos ver... Ah! são onze e grandes, que nos vieram da Casa de Setúbal e os que fomos buscar à Guarda depois da morte dos outros, por peste. Do lado esquerdo está o campo de futebol, esta tarde repleto de palha de milho a secar para ser alimento do gado bovino durante o ano. Num terreno lateral ao campo estão, agora, em construção, as novas oficinas. Mais atrás as velhas, ainda em grande funcionamento. E a escola, deserta

durante o período de férias. Voltando-me outra vez para o lado do pomar e da latada, ao fundo das escadas e do outro lado da estrada, fica a grande área da nossa quinta que todos os anos nos enche as arcas e os reservatórios de milho, que o moinho moerá e de que o padeiro fará a boroa. Por detrás de mim ficam: a eira onde os pequeninos estão a escolher o feijão; depois o pombal, casa-mãe, salas de jogos, camaratas, sala de costura; cozinha com o novo e grande fogão a gaz, que substituiu o pequeno, negro e sujo a lenha, a copa que também sofreu grandes e boas transformações, sendo uma delas a substituição do velho termo que já não chegava com água quente para o banho de todos nós, por um novo e grande; a sala de jantar com a sua nova, bonita e airosa ampliação. Atrás da cozinha e copa estão na fase dos últimos acabamentos as instalações para os pequeninos. Por baixo é a lavandaria já em funcionamento.

Aqui dou por acabada a minha pequenina descrição da nossa Casa. Podeis assim ficar com uma resumida ideia dela. E convido-vos a visitá-la. Acha-lá-eis, ainda, mais bonita.

«Lita»

TOJAL

OBRAS — A casa para os 50 Rapazes, está a caminho do 2.º piso. Entretanto a cabina eléctrica já tem os caboucos cheios. Está portanto prestes a levantar-se outro «monumento» para a nossa Aldeia. Tudo ou quase tudo se deve à preciosa ajuda de três grupos de estrangeiros que por aqui passaram. Estes foram para nós uns autênticos irmãos. Na nossa Aldeia já muitos «parlam» um bocadinho.

OFICINAS — Todos os seus componentes esperam com ansiedade

chegar às novas instalações. Mas enquanto isso não acontece, os carpinteiros dedicam-se em particular à nova casa e oficinas, fazendo de vez em quando um pequeno trabalho para fora.

Os serralheiros ocupam-se da montagem mecânica das novas oficinas, fazendo também algum trabalho para fora. E, por fim, a tipografia que trabalha só para fora, e tem nesta altura uma vaga de trabalhos. Caros leitores, é de aproveitar a ocasião: cartões de visita, fichas, encadernações, facturas, etc. Tudo aqui se executa com a maior perfeição e rapidez. E eu disse por fim, sim, visto que a sapataria está fechada por falta de mestre e a alfaiataria, embora com mestre e aprendizes, está quase sempre fechada, porque o mestre ocupa a maior parte do tempo como motorista da Casa.

UM PEDIDO — Estes são sempre problema, e volta e meia aqui aparece mais um.

Os sapatos são o tema. Venho por este meio pedi-los aos amigos leitores. As medidas andam entre os 32 e 36. Quero agradecer a todos os que têm atendido pedidos desta espécie, feitos em números anteriores. Agradecia que, dentro do possível, estas medidas fossem satisfeitas; no entanto, tudo é bem aceite.

ERICEIRA — O 4.º grupo acabou há pouco as suas férias. Foi o último. Este ano, como nos anos anteriores, tivemos a inteira ajuda da Colónia Balnear Dr. Mário Madeira, que nos dava todos os dias a sopa, além de outras coisas. Mas não só a colónia, também muitos amigos que residem ali perto, e até na própria vila, onde nos deslocávamos, dia sim dia não, em busca de ajudas. A todos, os nossos agradecimentos, e para o ano contamos aí voltar.

FUTEBOL — Se até aqui foram as férias a causa do adormecimento da nossa equipa, agora creio ser a falta de adversários. Para que tal não se prolongue, jovem leitor, convide o grupo a que pertences e vem defrontar-nos. Tudo se passará no meio da maior camaradagem e amizade. Esperamos o teu contributo.

Cronista X

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Para alívio das necessidades que deparamos em nossos Pobres, recebemos 20\$00 da «Viúva do Porteiro» — nossa grande amiga. É uma presença que nos enriquece espiritualmente. Mais cinco notas de 100\$00 do assinante 3521, de Ermesinde. Que Deus o ajude, neste transe. Mais 20\$00 da assinante 33573. Mais 150\$00 da Rua Morais Soares — Lisboa. Mais 300\$00 com um cartão muito discreto, do Porto. E, finalmente, de Valbom (Gondomar), 205\$60 «que nesta altura vos posso ofertar. Costaria de vos remeter importâncias mais elevadas... mas tenho que me curvar à minha situação económica, pois também tenho casa para sustentar». Aqui está o valor — pelo sacrifício.

Para todos um muito obrigado. E

quando desejarem compartilhar da nossa acção, dirijam-se à Conferência Vicentina de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

JÚLIO MENDES

Paço de Sousa

FÉRIAS — O Pinho já terminou a sua comissão no Ultramar, como militar. Por isso, veio até Paço de Sousa gozar férias. Oportunamente regressará à sua Casa de Lourenço Marques.

O Quim Carpinteiro — responsável pela construção civil em nossa Casa de Lourenço Marques — também esteve por cá, em descanso, juntamente com o seu rancho.

Abel e Ernesto Pinto, mais dois casais da Obra, também passaram férias em Paço de Sousa.

O Abel é motorista na Casa do Tojal. E o Ernesto Pinto, mestre da carpintaria de Setúbal.

Aliás, não é de estranhar que passem as suas férias em Paço de Sousa, porque são rapazes que se formaram nesta Casa.

Boas férias para todos!

FUTEBOL — Depois de muitas faltas de comparência, tivemos mais um encontro no domingo passado.

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

situação destes quando caem na miséria é mais baixa, não porque decaíam de ascendência de mais nível, mas porque os seus a maior abandono os votam. Tenho casos para contar, o que não hei feito por vergonha. Os africanos têm uma família mais solidária e só em último caso a nós recorrem. Isto é o que toda a gente que anda por aí com os pés na terra vê e sente.

Para além disso, como discípulo, embora indigno, d'Aquela «que pisou a terra com o coração», como disse Pai Américo, não se me dá o que digam ou pensem. Procuro afinar a nossa vida pelo Pai Nosso. Se há quem ali não entenda a filiação divina universal e a consequente fraternidade humana no seu sentido essencial; se quem não entenda o sentido de uma vida ao serviço de todos, sem distinção de raças nem de cores; se há quem ainda não atinja que todo o homem tem direito ao pão de cada dia, de pão com o mesmo sabor e eficácia para as mesmas necessidades — que ao menos outros saibam dizer comigo: «Perdoai-me Senhor as nossas ofensas». Não por mim, mas pelo Homem ofendido pelos homens que fazem distinção de homens.

Padre José Maria

Continuamos, porém, sem adversários! É mau. Por isso, bons amigos dos grupos desportivos populares, vejam se aparecem por cá. Mas não se esqueçam do saco...

RETIRO — Este ano o Retiro dos mais velhos é dia 20 de Setemoro, em Cucujães. Espera-se, como no dos médios, tudo corra bem. E faça avivar o espírito de todos.

OBRAS — As obras continuam. Agora, estão em construção novas casas de banho junto dos galinheiros. E foi perfurado também um poço, que abastecerá de água a futura piscina. Que bom!

Estão agora a fazer também um telhado que servirá de resguardo à casa 3 de baixo.

NOVOS GAIATOS — A entrada de novos Rapazes tem crescido. Alguns já têm alcunha. Outros ainda não. Estamos a cozinhá-las. É uma velha tradição que se aviva.

TIPOGRAFIA — Ainda bem que fomos atedidos. Que bom!...

Chegou, há dias, o técnico da MOTOTYPE para proceder à montagem da «Super». Esperamos a todo o momento que ela comece a trabalhar — para resolver problemas de material de composição e, assim, tornar mais fácil o nosso trabalho.

VISITANTES — Estiveram entre nós os colaboradores do Teatro Circo, de Braga.

Não vamos falar de Festas... Aliás, há muitos anos que eles são de braços abertos quando a gente por lá passa com a nossa Companhia.

Vieram em romagem, homenagear o Pai Américo. Foram recebidos pelo Júlio — na ausência dos nossos Padres, em serviço noutros lados, que a Obra não é só em Paço de Sousa. Percorreram a nossa Aldeia, da casa-mãe às oficinas. Na capela foi a hora mais alta. Um deles tomou a palavra, escutado por todos religiosamente. Foi a satisfação de um voto que, há muito, desejavam cumprir — correspondendo a um velho desejo de Pai Américo. Esta visita é mais uma prova da amizade que os colaboradores do Teatro Circo sempre nos dispensaram.

E até Braga (a minha terra!) se Deus quiser.

Há certos amigos que nos visitam e nunca mais esquecem. Um deles, holandês, Sr. Harry Ikink. Todos os anos reserva uma semana das suas férias para conviver connosco.

Têm sido muitos os amigos que nos visitam!

Aqui relembro que «SOMOS A PORTA ABERTA». E não se esqueçam de os visitar, sempre que puderem.

Henrique Ribeiro Fernandes

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE

Doutrina

Cont. da PRIMEIRA página imediatos reflexos políticos. Será de pequenina que a Obra chegará a ser grande. Partirá do desconhecimento das massas para a grande revelação da verdade de um Povo humanamente alojado, a qual sempre virá à tona quando for realmente verdade.

Não estamos a falar de cór. Tampouco tirando pedras do sapato para as jogar a quem quer que seja. Mas a testemunhar, isso sim, que há problemas que podiam estar mais resolvidos, se fosse mais sincero o anseio de os resolver

e menos cúvido de matar «outros coelhos» com a mesma cajadada!

A política da Habitação será boa se for justa e verdadeira no serviço do Povo que padece nesta condição fundamental para o seu viver. Só depois, da verdade e da justiça diligenciadas, refulgirão os reflexos que, por menos vistosos e imediatos, talvez já nem iluminem aqueles que os causaram, mas que hão-de aureolar a sua memória duradouramente.

Ouvi uma vez de um Homem-público que a Humildade não era apanágio dos homens-públicos. Mau que assim seja. Bom que assim deixe de ser. Que sejam pioneiros neste caminho de conversão todos os que hão-de tomar sobre os seus ombros as tarefas pertinentes à nova Secretaria de Estado.

gaiato

Tanto papel que se gasta inútilmente!

São vistas de dentro, que vêm de fora, essas espécies literárias tão na moda, de poesia(?) hermética, escrita à maneira de prosa, em que se alinham palavras após palavras sem a mais frágil vértebra de pensamento.

Num mundo tão turvado de ideias; em idades tão propícias à turvação das ideias — que veneno estas leituras que ninguém entende, mas faz luxo em fingir que entende!

Eu acredito na Inteligência. Eu amo o Mistério. Eu repudio toda a publicação que é mais de ver do que de penetrar, sejam banais «histórias aos quadrinhos» ou «foto-novelas», seja até um exagero de métodos sensoriais nos livros pedagógicos.

Mas esta literatura louca, a disseminar loucura em liberdade — isso não; nunca; menos quando ainda não é oportuno reeditar um «Lodo e as Estrelas».

x x x

Paulo já aqui foi falado e creio mesmo que apresentado em fotografia com a sua bateria de latas e talos de couve,



VISTAS DE DENTRO

quando de uns Festivais de Canção que aí promoveu.

Pois nem Paulo se desinteressou da música nem da bateria, como ainda tem revelado outras facetas do seu interesse artístico.

Há dias veio pedir-me aval para requisição de um cavalete de pintura à carpintaria; e tintas; e pincéis.

Despachei que fizesse ele o cavalete e perguntasse ao Neca que tintas, que pincéis seriam precisos.

Dias depois fui encontrar sob um pequeno viaduto que vai da lavandaria ao estendeiro da roupa, quadros no muro e o dito cavalete e a demais ferramenta do artista.

Varrera aquele canto, normalmente muito sujo; e instalara ali o seu «atelier» ao ar livre, qual pintor boémio das margens do Sena, ou principiante

em busca de renome no «Quartier Latin».

Eu não sei aonde chegará a arte do Paulo, que na Escola e no trabalho é muito molengão!

Mas folgo com a ocupação que soube encontrar para os seus tempos livres, entre exercícios de música de jazz na sua bateria e treinos de paleta no seu estúdio de arte.

x x x

Aquela tarde, o Terço foi só de dois mistérios; o resto, cantarol ao Senhor.

Safa a malta toda da Capela. No alpendre, apenas Raimundo, Alvaro e eu. Trauteávamos uma melodia difícil, que eu perguntava se possível para ensaio à Escola dos cantores cá do sítio.

Era já muito lusco-fusco — uma hora tão suave no fim de um dia de verão!

Eis se não quando, Alvaro interrompe: — Olhem prá cozinha!

Pela janela aberta, em contra-luz, víamos uma figura agindo como um pequenito

escarranchado — imagem de mãe-preta com o filho no dorso.

Era o «Gágá». Era ele que estava limpando o fogão e trazia assim o Agostinho.

x x x

Este ano conseguiram desorientar-me. Passaros foi o problema — tão velho como a Casa do Gaiato; tão velho, certamente, como haver pássaros e rapazes no mundo!

É sabida a nossa posição em defesa dos ninhos e como eles têm sido e são matéria de julgamento todos os anos. Porém, este, numerosos casos apareceram-nos como atitude de benemerência a pobres passaros perdidos ou abandonados. De modo que, sem poder provar o contrário, não podia opôr-me, muito menos condenar, a adopção dos passaros, «caídos do ninho sem saber como» e incapazes por si-sós de sobreviverem.

Entre os ditos há uma pega que começa a ser célebre. Pertence aos cozinheiros. Está

adolescente. Anda à solta. E corre tudo em volta da casa-mãe.

Volta e meia visita-me no escritório. Poisa aqui, poisa acolá..., não respeita as regras de higiene e vai deixando marcas da sua passagem. Outro dia, foi no jornal diário. Quando chegou a hora da descontração e de pegar no periódico para a necessária actualização, fi-lo sem preconceitos nem cuidados especiais. Resultado: ter de ir lavar as mãos de emergência.

Há momentos fui descansar um pouco no «quarto do Sr. Bispo», que deita sobre o pátio da cozinha. Pois nem por ser o mais nobre quarto da Casa, foi poupado. Lá estavam os vestígios da pega.

Júlio queixa-se do mesmo na Tipografia. É o passarito do «Zucaca». É este a largar a expedição de vez em quando e a ir à «despensa» que forneceu do seu prato na derradeira refeição e a servir arroz ou massa ao seu hóspede.

E quanto aos livros e impressos que aguardam embalagem, também Júlio teve de tomar providências: mandá-los cobrir com largas folhas de papel por mor da não-polição dos mesmos.

Assim, como é que os cozinheiros não hão-de deixar entrar bispo na comida, os da limpeza lixo estranho e impróprio no «quarto do Sr. Bispo»; e como não hão-de aparecer assinantes com jornais a repetir e outros sem nenhum?!...

RETALHOS DE VIDA



O «Faísca»

Sou natural de Sines, onde nasci a 5 de Fevereiro de 1952. Passados 3 anos, nascia a minha irmã, única pessoa da minha família, a quem muito quero e amo, pois não tenho mais ninguém neste mundo a não ser ela.

Meu pai abandonou-nos, tinha eu então 6 anos. Minha mãe adoeceu devido a muitas contrariedades e desgostos que passou.

Estive na Casa do Gaiato de Setúbal, onde entrei a 15 de Março de 1959 ou 60. Fiz lá a 4.ª classe.

Em Sines não ia à escola... Mas na Casa do Gaiato, como todos iam à escola, que remédio tinha senão ir também.

Soube em Setúbal que minha mãe tinha morrido em Lisboa, no hospital. E passados cinco ou seis anos meu avô faleceu em Sines. Era ele que nos sustentava, quando meu pai nos abandonou. Foi um herói. Apanhei um grande desgosto e chorei muito. São duas pessoas muito queridas e especiais para mim.

Deram-me a oportunidade de estudar na Casa de Setúbal. Mas como era muito vadio e mandrião, desisti! Estou muito arrependido de proceder assim. Hoje podia ser alguém muito mais útil ao próximo e à Nação.

Andei a trabalhar nas obras do Lar de Setúbal, onde fui um dos seus operários, tendo sido recompensado pelo Sr. Padre Acílio. Como prenda pelos meus serviços, ofereceu-me um belíssimo relógio.

Depois de estar oito ou nove anos em Setúbal, vim para Paço de Sousa, onde me encontro, para aprender a arte de alfaiate. Em Setúbal não havia alfaiates. Estavam a cumprir o serviço militar.

Não me dei bem nesta profissão. E mudei para tipógrafo, graças ao Júlio. Como tenho certo jeito para o desenho, disse-me para falar com o Sr. Padre Abraão. Este, por sua vez, concordou. E deixou-me ir para tipógrafo, onde agora me encontro feliz — na secção de composição.

Fiz o Ciclo Preparatório T. V. com média de 13 valores. Para mim muito boa; mas poderia ter sido melhor se eu quisesse e não fosse um bocado reguila e preguiçoso.

Fui chefe dos mais pequenos, tanto na Casa de Setúbal como na de Paço de Sousa. Nesta última, porém, devido a várias trapalhadas, fui demitido do cargo. Estou arrependido do mal que fiz. Espero não cair noutra.

Já tenho uma certa idade. Fiz 20 anos em Fevereiro. Por isso, aguardo chamada para ser incorporado na vida militar.

Fico por aqui. Se fosse a dizer tudo, não chegariam as páginas do «Famoso»...

Aí tendes, meus amigos, um breve resumo da minha vida muito agitada.

Alberto José Alvélos da Silva Rosado («Faísca»)

O nosso Jornal

A nota que inserimos na edição de 19 de Agosto, sob o título (impróprio) de «Cobrança de assinaturas», foi uma autêntica bicha de rabiolar!

Muita gente quebrou o sossego ou relaxamento tranquilo das férias, pegou na caneta, abriu a carteira e veio por aí fora — por carta registada, vales do correio ou cheques — com tanta amizade e compreensão, quais peregrinos-penitentes d'alma aberta e coração nas mãos.

O correio, pode dizer-se, tem sido um pequenino vulcão. Aumentou de volume — ao contrário do habitual nesta quadra do ano.

Não resistimos, por isso mesmo, a sacar, do monte da correspondência, duas presenças, quase à sorte, e com matéria a propósito.

Uma carta d'Aveiro fala assim:

«Sou assinante de «O Gaiato». Li no último número o que escreveram sob o título «Cobrança de assinaturas». Não sei ao certo quando paguei a minha assinatura, mas devo estar em atraso, portanto incluído nos 17.500 assinantes com recibos em relaxe. Ora, eu desejo pôr as contas em dia. Basta que me avisem por um postal do que lhes devo para ficar tudo pago até ao fim deste mês, e eu remeto por vale ou cheque, para que não tenham que fazer despesas...».

Aqui temos uma fotografia dos sentimentos generalizados

de quantos pousaram os olhos na pequena nota publicada em 19 de Agosto. E aquele não sei ao certo, mais o basta que me avisem por um postal confirmam, publicamente, a utilidade do nosso rotineiro serviço de lembrança-postal.

Os leitores africanistas do «Famoso» são avisados por cada uma das nossas Casas do Ultramar, ainda que, por lapsos, siga da Europa uma esporádica duplicação do célebre postal.

A nossa frente temos uma carta de Lourenço Marques. Diz assim:

«Recebi o V/ postal com a indicação do meu débito respeitante às assinaturas atrasadas e do 2.º volume do «Isto é a Casa do Galato».

Como pode verificar, pedi à I. P. C. S. autorização para transferir a importância do meu débito, a qual me foi negada pelos motivos alegados no impresso junto. Agradeço, pois, que me diga a melhor maneira de efectuar o pagamento».

Apesar dos trabalhos e perdas de tempo deste nosso estimado assinante e consulente — junto da I. P. C. S. («Conselho de Câmbios») — neste caso é uma medida salutar. E que nos serve para renovar um conselho repetido muitas vezes: os leitores de Angola-norte satisfaçam os compromissos da assinatura à nossa Casa do Gaiato de Malanje; os

de Angola-sul à de Benguela; e os leitores da Costa do Índico directamente à Casa do Gaiato — Santiago do Infulele — Lourenço Marques.

Não queremos finalizar, porém, sem dar o devido relevo a outra ressonância. Toda a última quinzena de Agosto e princípios de Setembro foi aqui uma procissão de visitantes — muitos vindos até nós propositadamente, pôr suas contas em dia! Alguns, com atrasos de 10 anos!! São momentos deliciosos, de amizade. «Se «O Gaiato» não fosse como é, já me teriam suspenso o jornal, logo no primeiro ano...». E os atrasos são arrumados com generosidade que inclui juros sem conta! Horas deliciosas que testemunhamos — enquanto Ave-lino (ou Manuel Pinto que o substitui nas férias) procedem aos lançamentos no ficheiro. O grupo de 17.500 leitores faltosos irá reduzir, com certeza, até ao princípio de 1973.

Não tardaremos, porém, a encomendar nova remessa de papel para o nosso jornal. Uma carga de 500 resmas, em veículo pesado, que não anda muito longe dos 50 contos...

Júlio Mendes



Aqui Lisboa

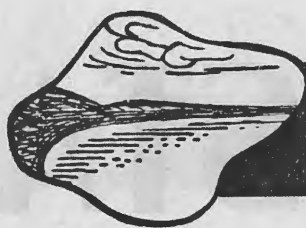
Uma das acusações que uns certos Senhores fazem às Instituições particulares reside no facto da sua existência contribuir para que o Estado não se disponha a assumir as responsabilidades que lhe são próprias. Espalhando os olhares pelos mais diversos campos ou sectores, não enxergamos a validade de tal argumento, quanto mais não seja por existirem múltiplas e profundas necessidades por satisfazer e haver uma certa gradação nos inúmeros escalões a preencher, ao encontro das carências que sempre se encontrarão no Mundo, por mais que se avance ou organize. O argumento, em muitos dos casos, mais não significa que um egoísmo feroz ou uma velada justificação dum cómodo cruzar de braços ante os reais problemas que se deparam à volta de cada um de nós.

Um dos méritos das Organizações particulares de assistência reside na circunstância de ficarem pouco pesados ao erário público, o que não é para menosprezar, pelo menos

num País pobre como o nosso. Só por isso o Estado deveria acarinhar e proteger todas as Instituições, respeitando as suas características particulares e incentivando o seu trabalho. De resto, como as necessidades são muitas e tendem como já aqui dissemos, a aumentar, não há o perigo de concorrências deletérias. Poderíamos, de resto, alicerçar em dados numéricos clarividentes o que afirmamos, recorrendo até somente ao que se passa com a Obra do Padre Américo.

As Instituições não pretendem encobrir com a bandeira duma falsa Caridade as obrigações imperiosas da Justiça, antes pelo contrário. Isso sem mistificação dos Valores e, por nós, estamos à vontade para rejeitar todos os donativos ou ofertas que saibamos representar sangue dos Pobres. Que nunca se lembrem de nós os que vivem à custa de injustiças ou das misérias alheias! O que não podemos deixar de inculcar no espírito das pessoas, mormente dos cristãos, é que não basta praticar a justiça ou reparar a injustiça, dado que a doutrina de que somos humildes servidores nos deve conduzir ao amor dos próprios inimigos. Logo, e numa ordem prioritária, onde houver um Irmão em padecimento, aí devemos estar presentes.

Padre Luís



SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

Por vezes sucede que estamos concentrados num dado trabalho e consequentemente não o podemos largar com a rapidez que nos impõem. Daí o recado: «Diz aos senhores que esperem um momentinho». E a coisa acaba por demorar algum tempo. Tem acontecido, pois, alguns irem-se embora sem que a gente saiba o que pretendiam. Porquê? É preciso haver um bocadinho de compreensão de parte a parte. Se a gente tem de esperar e por vezes tempos sem fim, em escritórios, em empresas, em repartições e em quase todas as entidades públicas...! Contam-se pelos dedos as que nos atendem num repente! Não queremos, no entanto, seguir o exemplo do que aí ocorre. Sucede, sim, não podemos no momento em que somos solicitados, largar os afazeres, deles alguns bem complexos, exigindo de nós discernimento e compenetração.

Aqueles dois senhores de Coimbra que nos visitaram na-

quele dia não os posso incluir, felizmente, neste rol, que de si é longo. A gente intui das pessoas e conhece-as. Já nos conheciam há muito. Pessoalmente nunca os tinha visto. Depois de uma amena conversa, fiquei a saber que eram eles os responsáveis pela organização de «Os Companheiros Construtores» em Portugal. Guardamos uma grata recordação do prestimoso trabalho, salvo raras excepções, realizado adentro das nossas Casas pelos «voluntários» em «campos de trabalho», durante os meses de verão. Já tínhamos assinado a presença deles no Calvário. Este ano vieram para esta Casa dois grupos, ambos compostos de duas raparigas. O 1.º, constituído por duas belgas, de idades de 20 e 25 anos, durante o mês de Julho. O 2.º, por duas espanholas, ambas de 18 anos, durante a primeira vintena de Agosto. Registamos também a ajuda deles na Casa de Lisboa. Um grupo também, mas constituído por rapazes que deram o seu trabalho na construção das novas oficinas.

Em dada altura pedi instruções do que era e do que constava a IBO — «Compagnons Bâtisseurs». O Sr. P.e Rocha e o seu coadjutor, sr. Rodrigues, falaram, falaram. Prometeram enviar-me folhetos vários para o meu próprio conhecimento e a fim de que fizesse constar diante dos outros rapazes a ideia do que

se pretendia com a vinda destes grupos. Em troca acordou-se enviar-lhe eu um apanhado sobre as opiniões nossas a respeito dos citados «campos de trabalho», fornecendo-lhe, inclusivamente, dados convincentes até que ponto a presença de mais grupos seria válida na nossa vida. Eu já recebi os folhetos. Já os li também. Cumpriram o que prometeram. Eu é que me «fiquei nas tintas». Ainda não dei sequer sinal. Mas prometo que o farei. Quando, não sei. Sei que ambos me perdoam. São compreensivos, embora vivam sempre numa constante pressa e enfiados no trabalho, nos seus muitos afazeres. Roubaram, nesse dia, uns tempos preciosos («uma saltada muito rápida de Coimbra», como diziam) à sua vida sempre afadada.

Por tudo, expresso aqui o nosso muito obrigado a estes nossos amigos que, incondicionalmente, se puseram à nossa disposição para nos ajudarem em tudo quanto estivesse ao seu alcance. E tudo numa entrega total, sem encargos e remunerações. O nosso muito obrigado também aos «voluntários» que conosco aqui trabalharam. E que nos perdoem se por vezes houve algumas incompreensões, mas o que é a vida, ao fim e ao cabo, senão um conjunto de rosas e espinhos?

Bem hajam!

Rogério

Contrastes

1 Neste paraíso à beira-mar — sol brilhante, vento fresco, iodo revivificador — há um parque de campismo; muito perto da nossa casa, tão jeitosa. Tendas, «roulotes» e mais infra-estruturas complementares: luz eléctrica, água potável, etc. Pequena cidade burguesa.

Durante o dia, a picada d'acesso ao mar de Azurara é uma bicha de veículos. Gente que se liberta da poluição urbana. E o movimento cresce ao longo dos anos!

2 Na mesma linha — extremo oposto — os nossos olhos choram. É uma precária baraca de sacos de plástico, escondida; defendida pelos muros de um caminho vicinal, intransitável. Uma «casa» de família!

Antes, fora armada de caras ao mar e sol. Mais saudável. A nortada porém...

Um dia, vi todo o agregado em acção. Ela remendando o coberto. Ele, a armação. Enquanto os filhos se ocupavam doutros serviços. Excepto a mais pequenina — de rabo ao léu, a dormir. Um verdadeiro Presépio.

São de cara lavada. Roupas jeitosas. Estranhámos. E não sentíamos coragem de «violiar o

segredo» deste agregado ordeiro, unido, limpo.

Cruzámo-nos, hoje, porém, com o mais velhito.

— Sois daqui?

— Não senhor! Somos de...

— Porque vieste pra cá?

Com a irmã ao colo, fitou-me os olhos acutilantes; e atirou:

— O meu pai é aleijado! Andamos a pedir. Temos de pedir!...

O andamos, o temos — mais este do que aquele — esmagaram-nos o peito. Mastigámos, num relance, a panorâmica duma sociedade (ao que se diz) virada para o desenvolvimento; e, ainda, com parco amor para os chamados **diminuídos físicos**.

— Vão ficar por cá mesmo no inverno?!

— Esta é a nossa casa; tanto no verão como no inverno.

Virou costas e continuou a viajar. Pequenita às costas. Garrafa de vinho na mão direita. Ia bater à porta duma vizinha...

3 Um dia fomos à Póvoa. Eu e Américo. Fomos arejar. Veranejar. Admirar paisagens e construções. Os progressos materiais. O bulício. As gentes. As belezas da Natureza. A praia, felizmente democratizada.

Alapámo-nos — para descansar as pernas — nos mochos de cimento da avenida. E ruminámos mais panoramas e contrastes:

Batemos a lota. Berros. Uma que sim, outras que não. «In-

ferno» delicioso — com instalação sonora a quebrar a tradição.

Sai peixe dos barcos. Juntam-se pequenos grupos. Curiosos. Interessados. Perguntas, ahs!, pasmaceira.

Passa, discretamente, uma velhinha. Fitamo-nos. Os olhos dela sorriem. Rodopia canastras. A presença do Pobre...

Aumentam os trabalhadores. E revezam-se os espectadores e compradores. Uns chegam. Outros partem. Só a velhinha é que não...

São horas deliciosas e dolorosas. Chega mais peixe. É escolhido. Repartido por canastras de plástico. A tecnologia do progresso.

— Delta água!

O mar — que foi berço e vida — limpa o pescado; conserva a frescura.

— Mais água! Olha àquele...

Agora, surge um velho, a coxear, apoiado a um pau. O mesmo comportamento. Silencioso. Rodopiante. Saca de plástico na mão... São os **pedintes do silêncio**. «Clientes» das peixeiras. Os melhores! É Jesus que sofre, no Seu corpo, a omissão dos homens.

Apetecla-me dizer isso. Entrar, mesmo, no casino. Dizer a todos que o coxo, o cego, o maneta, o velho — o diminuído físico, como ora se diz — é um homem e não... um animal irracional. E são dezenas de milhar em todo o País — à espera de quem lhes resolva os seus problemas; o problema de cada um. E quando ele for resolvido, sim, poderão cantar vitória — a vitória do desenvolvimento. De contrário, não! São capelas imperfeitas.

JÚLIO MENDES

Tribuna de Coimbra

Terminámos a nossa volta por algumas termas e praias do centro. Foi uma corrida estafante, mas compensadora. Os párocos receberam-nos de braços abertos e alguns quiseram-nos agradecer. Doi-nos a alma quando sabemos que há sacerdotes que fecham as portas a quem vai com a missão de evangelizar e procurar pão para matar a fome aos irmãos!

Achamos sempre muita graça quando nos perguntam se o peditório valeu a pena. Mesmo que fôssemos só pelo resultado material valia a pena. Mas a nossa ida tem outro alcance. Vamos evangelizar. Para os instalados somos aguilhão; para os feridos somos bálsamo; para os sonolentos somos despertador; para os vigilantes somos iguaria; para os fechados somos maçadores; para os generosos somos desejados. Preocupamo-nos em levar uma palavra a todos os ouvintes. Acreditamos que os cristãos que se reúnem à volta de Cristo, no Altar, querem receber a Sua palavra-semente.

Nós acreditamos que somos semeadores. Lançamos a semente à terra. Acreditamos que a semente, a seu tempo e se a terra for boa, dará fruto. Não é em vão que vemos lágrimas nos olhos, risos nos lábios,

acenos de cabeça, corações que se abrem.

Acreditamos também que há terrenos impenetráveis: auto-suficientes, instalados, negociantes de religião. No fim duma das Missas foi uma Senhora à sacristia. Ia ofegante. «**Não há direito. Venho revoltada. Na minha frente estava um senhor que eu conheço. É riquíssimo. Não sabe o que há-de fazer ao dinheiro. Enquanto o padre esteve a falar, ele esteve a rezar o Terço e depois pôs uma moeda na saca. Não há direito. Este homem não devia entrar na Igreja. Deus me perdoe a minha revolta, mas não me posso calar.**»

Quantas vezes eu e aqueles que me acompanham temos sentido estas humilhações! Quantas vezes tenho sentido uma revolta interior e me tem sido presente a resposta de S. Pedro à oferta mentirosa de Ananias e Safira!

Que aqueles com quem nos encontramos na Praia de Mira, Monte Real, em S. Martinho do Porto, no Luso, na Figueira da Foz, em S. Pedro de Moel e na Curia, a quem procuramos inquietar, tenham recebido a semente e a façam fortificar a seu favor e a favor dos irmãos.

Padre Horácio

